

Capítulo M2

Oklahoma

<u>Tabela inicial</u>	<u>Lista das áreas</u>
---------------------------------------	--

O estado de Oklahoma se constituiu em 1907, tendo se formado a partir do Território Índio criado pelo Congresso norte-americano em 1828, que o reservou para receber os índios transferidos da parte oriental dos Estados Unidos, que assim cediam suas terras originais aos brancos. Os primeiros a terem terras aí reservadas foram povos do Sudeste, conhecidos como “as cinco tribos civilizadas” — choctaw, chickasaw, creek, seminole e cherokee. Depois de todos os problemas enfrentados com a transferência e a fixação nas novas terras, sobreveio a Guerra da Secessão (1860-1865), ocasião em que as ditas cinco tribos assinaram tratados de anexação aos Estados Confederados. Sua atitude tinha a ver com decepções com o governo federal, sua origem no Sudeste, com cujos brancos estavam relacionados não somente por conflito mas também pela presença de descendentes de uniões com eles, e sobretudo porque vários indígenas tinham escravos negros. Derrotadas junto com os sulistas, as cinco tribos tiveram de ceder terras para os antigos escravos, reajustá-las à imigração de outras tribos também transferidas, e ainda permitir o traçado de ferrovias. Por volta de 1880, mais de 60 tribos tinham vindo juntar-se às já estabelecidas no Território Índio. A pressão dos brancos pelas terras indígenas era tão grande que o Congresso lhes abriu 2 milhões de acres (cerca de 800 mil hectares) no ocidente do Território Índio, o que ocasionou a famosa corrida pela terra iniciada ao meio-dia de 22 de abril de 1889. Essa parte ocidental, expandida por novas corridas pela terra, veio a ser conhecida como Território de Oklahoma e correspondia à metade do Território Índio. Mas neste também havia brancos que já o tinham invadido antes da permissão oficial. A pressão dos habitantes não-indígenas pela fusão dos dois territórios em um só estado acabou resultando na criação do mesmo em 1907. Ao que parece, a criação da nova unidade da federação foi precedida de medidas que extinguíam a organização em estados autônomos das cinco tribos civilizadas, bem como as reservas de outros povos indígenas instaladas ao lado deles ou no seu interior. Oklahoma veio a ser um estado com numerosa população indígena, de mais de 60 etnias diferentes, mas sem reservas.

As cinco tribos civilizadas

Grant Foreman dedicou vários livros, publicados na década de 1930, aos cinco povos indígenas do sudeste dos Estados Unidos acima referidos, que, apesar de sua disposição em adaptar-se ao modo de vida dos brancos, foram compulsoriamente transferidos para o outro lado do Mississipi. Um de seus livros, *The Five Civilized Tribes*, de 1934, cobre o período que vai desde o final da década de 1820, quando se decide a sua transferência, até os prenúncios da Guerra de Secessão. O livro de Foreman é como que uma grande crônica muito detalhada, com muitas transcrições de documentos da época. Divide-se em cinco partes, cada qual dedicada a um desses povos, em que os acontecimentos são apresentados em ordem cronológica. São como que cinco relatos paralelos, sem nenhum propósito de articulá-los.

Nas terras de origem

Nesse livro, Foreman não se demora muito na apresentação desses cinco povos ainda nas terras de origem.

É bem ilustrativa a transcrição (pp. 20-21) de uma carta dirigida aos missionários em 18 de outubro de 1822 pelo chefe choctaw Hoolatohooma, do “distrito” de Six Towns (seção meridional de Mississippi e Louisiana, p. 72), com 2.164 indivíduos, em que enumera as medidas que estava tomando no sentido de modificar o comportamento de seus subordinados, com o explícito objetivo de seguir o caminho dos brancos: combate ao alcoolismo pela destruição do uísque que certos índios buscavam com os brancos para trocá-lo entre os seus por cobertas, armas de fogo e cavalos; ao infanticídio praticado pelas mulheres quando não tinham como alimentar os filhos; ao roubo de bovinos e porcos; à poliginia sororal mantida num mesmo grupo doméstico; à fuga de mulheres casadas em companhia de seus sedutores; às viagens às cidades de Mobile e New Orleans, com a descara pelo plantio do milho. Expressa a vontade de ter uma escola para a instrução das crianças, como havia em outras partes de sua nação. Em 1830 os choctaw fiavam e teciam para fazerem suas roupas. E antes dessa data eram cerca de 2.000 no Texas (que então não fazia parte dos Estados Unidos), Louisiana e Arkansas (pp. 21-22).

Os chickasaw eram da parte norte do estado do Mississippi, e vizinhos dos choctaw. Eram menos devotados à agricultura do que estes. Com a diminuição dos animais de caça, desenvolveram a criação de bovinos, suínos, cabras, ovelhas, e o plantio de algodão, milho, trigo, aveia, batatas, feijão, ervilhas. Os excedentes destinavam ao comércio, vendendo algodão, cavalos, bois, porcos, carne, o que lhes permitia comprar escravos, açúcar, café e outros artigos. Os homens tinham passado a cultivar a terra, liberando disso as mulheres, que se ocupavam dos cuidados da casa, da fiação, tecelagem, confecção de roupas, ordenhavam as vacas, faziam manteiga e queijos. Muitos professavam o cristianismo. Suas leis e resoluções tomavam forma escrita. O trabalho em madeira para construção de casas e confecção de rodas, a construção de moinhos e as atividades de ferreiro estavam cargo de brancos que moravam com eles. De outros serviços, como pôr cabos em ferramentas, ajustar lâminas no arado, colocar rodas nos carros, encarregavam-se os índios comuns e os escravos. Algumas escolas, mantidas por missões, auxílio do governo e fundos da própria tribo, em diferentes locais (perto de Tuscumbia, de Cotton Gin Port ou em Monroe), instruam os jovens (pp. 97-99).

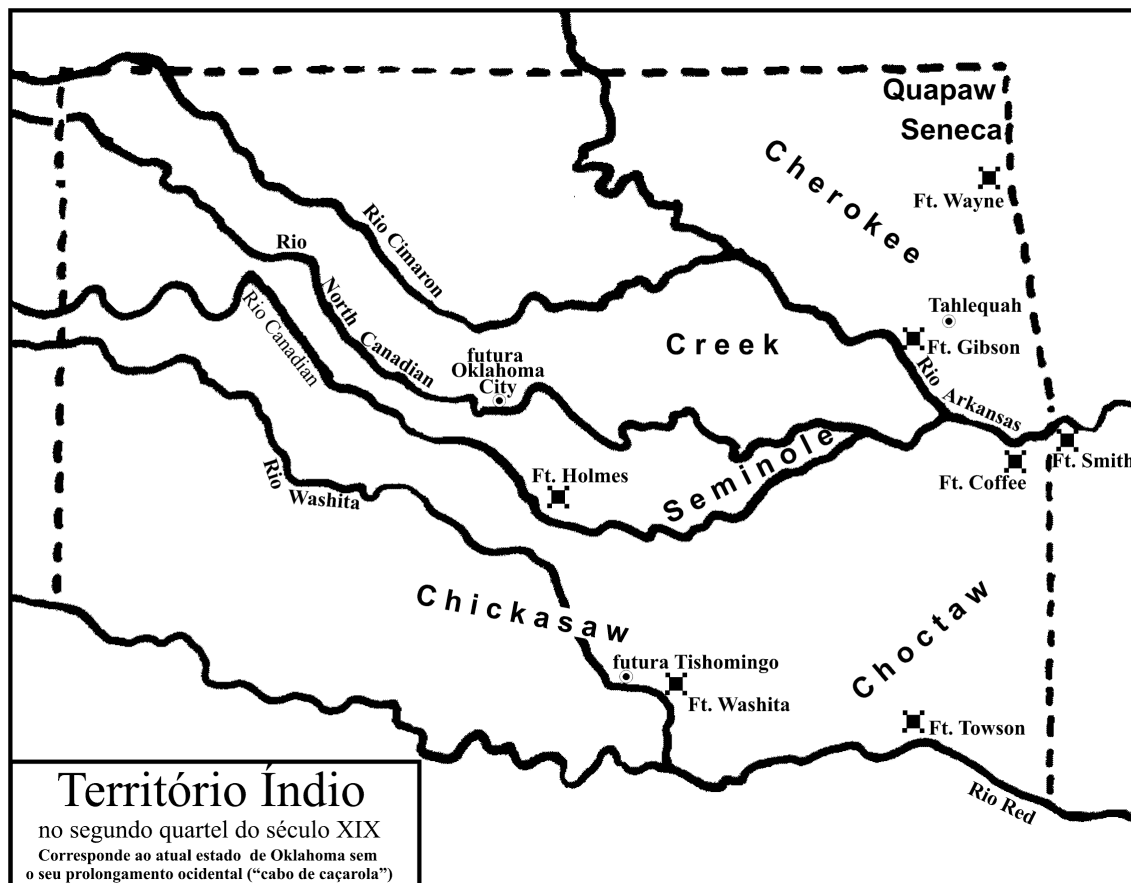
As transferências para o Território Índio

Apesar dos tratados de 1820 e de 1825, somente o de 1830 (Treaty of Dancing Rabbit Creek) resultou efetivamente na transferência dos choctaw. Uns emigraram imediatamente, outros no ano seguinte e, no ano de 1833, quase todos tinham passado para suas novas terras a oeste (p. 22). O tratado de 1830 havia permitido que cerca de 7 mil choctaw permanecessem no Mississippi. Mas manifestações contrárias dos brancos desse estado e do Alabama forçaram-nos a migrar para o Território Índio, o que aconteceu em várias levadas, desde 1843 a 1850 (pp. 71-76).

Com a ratificação pelo Congresso norte-americano do Indian Removal Bill, de Jackson, em 1830, o estado do Mississippi impôs suas leis sobre a nação Chickasaw, apressando e facilitando a opressão dos índios, abrindo suas terras à invasão dos brancos e tornando sua vida intolerável. Isso induziu os chickasaw a assinarem um tratado em 1832, em que abriam mão de suas terras no Mississippi em troca de outras que o governo lhes concederia a oeste. Sua emigração somente começou em 1837, devido a sua

resistência em aceitar a imposição dos norte-americanos de se organizarem num único sistema de governo junto com os choctaw (pp. 99-100).

Os creek, divididos em duas facções, migraram para oeste em 1829, nos termos do tratado assinado em 1826 (p. 147).



Os seminóis foram duramente combatidos na Florida durante seis anos, caçados como animais; e os prisioneiros iam sendo levados para oeste. Sua remoção somente se completou em 1842. Nos tratados que lhes foram impostos em 1832 e 1833, foram obrigados a aceitar sua indesejada fusão com os creek na nova terra (p. 223).

Os cherokees foram transferidos para oeste em mais de uma leva e em diferentes condições. Mais de dois mil foram voluntariamente para o Arkansas no começo do século XIX e depois, em 1828, trocaram o que aí tinham por um domínio permanente no que é hoje Oklahoma. Depois da ratificação do Indian Removal Bill em 1830, vários milhares foram induzidos a se transferirem para oeste sob supervisão do governo, mas a maior parte da tribo, recusando-se a fazê-lo, foi expulsa de suas casas na ponta de baionetas, colocada em campos de concentração e daí conduzida para oeste. Os prisioneiros foram embarcados, mas a maior parte da tribo, mais de 13 mil, foi levada por terra, em 13 partes, deslocando-se pelo Tennessee, Kentucky, Illinois, Missouri e Arkansas até o Território Índio. Nessas remoções, calcula-se que mais de 4 mil cherokees morreram (pp. 281-282).

Ocupação do Território Índio

A distribuição das cinco nações dentro do Território Índio não foi tranquila. A necessidade de se adaptarem ao regime dos rios, de evitarem as incursões dos índios das

Planícies e a resistência às intenções dos norte-americanos de fundirem os chickasaw aos choctaw e os seminóis aos creek, bem como desavenças entre facções internas dos cherokees, fizeram demorar algum tempo a delimitação de seus setores. Um mapa de Foreman (entre as pp. 423 e 424) dá uma idéia da situação em 1842.

Os choctaw ficaram no sudeste do que é atualmente o estado de Oklahoma, entre o rio Arkansas e o rio Red. Aos chickasaw coube uma área imediatamente a oeste, entre o rio Canadian (afluente do Arkansas) e o rio Red. Os creek se estabeleceram entre o rio Arkansas e o rio North Canadian (afluente do Canadian). Os seminóis se colocaram entre o Canadian e o North Canadian. E os cherokees ficaram com o nordeste do que veio a ser Oklahoma, ao norte do rio Arkansas.

Adaptação ao novo ambiente

Uma vez que os índios transferidos não podiam produzir seu sustento imediatamente ao chegar às novas terras, o governo norte-americano se obrigava à distribuição de rações, de instrumentos agrícolas, ferramentas e ao pagamento de indenizações. Entretanto, nem sempre isso era feito de modo regular, em parte devido às dificuldades de transporte. Havia também casos de desonestidade das firmas encarregadas de fornecer as rações, que as distribuía em quantidades inferiores às estabelecidas, em mau estado de conservação, ou com fraudes grosseiras, como entregar algumas barricas com barro entre as que deveriam conter farinha. A ração se constituía de carne (de porco salgada ou bovina fresca), pão (farinha de trigo ou de milho) e sal (pp. 156-162).

Algumas guarnições militares estavam instaladas no Território Índio, não somente para controle das cinco nações, mas também para protegê-las de incursões de outros índios ou desmandos dos brancos, ainda que às vezes houvesse interferência de um ou outro comandante nos assuntos indígenas. Além das guarnições havia as agências do governo encarregadas de assuntos indígenas, os postos de comércio e sedes missionárias. Assim, na área choctaw, num pequenino afluente do rio Red, ficava o Forte Towson (mais tarde abandonado, p. 86) e, próximo a ele, Doaksville, onde estava a agência indígena. Mais acima, num outro afluente do Red, o rio Washita, ficava o Forte Washita e também a agência que assistia os chickasaw. No rio Arkansas, próximo à fronteira oriental do que é hoje Oklahoma, estava o Forte Coffee. No mesmo rio, mais acima, estava o Forte Gibson. Ainda na fronteira oriental, mais ao norte, estava o Forte Wayne. No rio Canadian ficava o Forte Holmes. Num futuro não coberto por este livro de Foreman se formariam núcleos urbanos onde se instalariam as sedes de governo: Tahlequah, dos cherokees; Tishomingo, dos chickasaw.

Tinham de enfrentar epidemias, como a de sarampo, entre os alunos choctaw de uma missão perto do Forte Coffee, em 1852, dos quais morreram 15 (p. 80); a de varíola, que matou de 500 a 600 chickasaw, durante a migração, quando passavam pelo Arkansas, antes que pudessem ser vacinados (pp. 100-101); a de tifo, que atingiu uma das levas migratórias dos seminóis (pp. 274-275). Houve mortes de crianças choctaw por coqueluche (p. 74). Em 1848, numa escola feminina choctaw, houve surtos de escarlatina, coqueluche e caxumba (p. 78). Acrescenta-se um surto de cólera entre os choctaw em 1849 (p. 75). E uma das remoções dos creek, realizada em 1848, atravessou uma região infestada pela cólera (p. 175).

Com as dificuldades encontradas inicialmente no Território Índio, uma parte dos creek retornou para suas antigas terras no Alabama (p. 151).

Pouco a pouco os homens foram firmando sua produção na agricultura e criação de animais, e as mulheres, na fiação e tecelagem, atividades que não lhes eram alheias nas suas terras de origem.

Missões e instrução

Foreman não faz referência à organização indígena tradicional, a grupos de descendência, composição do grupo doméstico, relações de parentesco. Provavelmente isso não consta dos documentos que consultou. Mas sem dúvida trata de muitos agentes de mudança: missões religiosas, escolas, estímulo à adoção de uma organização política que lembrasse o sistema norte-americano, sem dizer que já nas terras de origem os índios se valiam de escravos negros e os haviam trazido para as novas terras.

Foreman se demora bastante com os missionários, suas escolas, suas traduções de livros bíblicos. Os índios já os conheciam em suas terras de origem. E havia até índios missionários. Entre os creek havia escravos pregadores (p. 171).

Também as escolas já eram conhecidas e, quando não, desejadas. Havia até algumas que estavam afastadas de seus lugares de morada, tanto do Território Índio como do anterior. Era o caso da Academia Choctaw no Kentucky (p. 33), temporariamente frequentada também por meninos chickasaw (p. 115) e creek (p. 178). Mas seus pais deixaram de enviá-los para lá, por achar que os nela formados não tinham em que aplicar o que aprendiam, não se adaptavam às atividades agrícolas no Território Índio, além de mostrarem hábitos mais relaxados. Mas pouco a pouco todos os cinco povos conseguiam escolas para suas crianças e jovens dentro do Território Índio. Ainda no que se refere ao estudo fora, em 1848, onze meninos chickasaw foram levados para a Plainfield Academy, em Norwich, Connecticut; outros foram levados para o Delaware College, em Newark (p. 116). Em 1854, um menino creek foi enviado ao Center College, em Danville, Kentucky, e quatro ao Arkansas College, em Fayetteville (p. 209). Na Academia de Cornwall, Connecticut, estudavam em 1820 dois choctaw e oito cherokees. Um destes, Elias Boudinot (Kub-le-ga-nah), que posteriormente iria dirigir o jornal *Cherokee Phoenix*, então um jovem de 17 anos, impressionou com o cálculo do eclipse de 2 de agosto de 1833, feito de acordo com a forma usual (p. 355).

Vale a pena reparar o que se ensinava a rapazes e moças cherokees. Em 1852, num seminário masculino, os alunos faziam exercícios frequentes de declamação e composição em inglês. Na 1ª série estudavam geometria, latim, filosofia intelectual e retórica; na 2ª, latim, geometria e filosofia natural; na 3ª, elementos de história, álgebra, fisiografia, atividade de guarda-livros e latim; na 4ª, análise da língua inglesa segundo Green, aritmética, leituras de geografia, elocução e estilo literário. No seminário feminino as alunas entravam a partir dos 14 anos, se tivessem as necessárias qualificações adquiridas das escolas cherokees comuns. Na 1ª série, estudavam geometria, história da Grécia e filosofia intelectual; na 2ª, álgebra, fisiologia, melhoramento da mente segundo Watts e latim; na 3ª e na 4ª série, aritmética mental e escrita, geografia, botânica e latim (p. 414).

Os choctaw criaram um jornal em 1848, *The Choctaw Telegraph*, e outro em 1850, *Choctaw Intelligencer* (p. 70). Em 1858 foi lançado o *Chickasaw and Choctaw Herald* em Tishomingo City (p. 144). Os cherokees tinham um jornal impresso em New Echota, na Georgia, o *Cherokee Phoenix*, com textos em inglês e em língua cherokee, estes no silabário inventado por Sequóia (p. 371). Depois tiveram o *Cherokee Advocate* (p. 375).

Sequóia (Sik-wa-yi), cujo nome em inglês era George Guest ou George Gist, era um cherokee nascido na aldeia Tuskegee, perto do Forte Loudon, junto ao rio Tennessee, a cerca de cinco milhas (8 km) da capital ou cidade sagrada Echota, ou seja, perto da atual Knoxville, no extremo oriental do estado do Tennessee. No período de 1812 a 1814, lutou em tropas cherokees que apoiavam os norte-americanos contra os creek. Sem saber inglês e nem ser alfabetizado, impressionava-o a capacidade que tinham os brancos de transmitirem mensagens com sinais traçados sobre o papel. Por isso, a partir de 1809, começou suas tentativas de inventar um sistema gráfico capaz permitir mensagens em língua cherokee. Apesar da descrença e zombaria de seus companheiros, em 1821 tinha conseguido completar um alfabeto, ou melhor, um silabário, um sistema de 85 letras em que cada uma representava uma sílaba da língua cherokee. As letras eram parte tomadas do alfabeto usado pelos norte-americanos, parte inventadas por ele. Logo que os cherokees se deram conta de que era possível realmente passar mensagens com o uso do silabário, entusiasmaram-se e o aprenderam rapidamente, seja com o próprio Sequóia, seja uns ensinando aos outros. Era o tempo em que os cherokees estavam sendo transferidos de suas terras para o Arkansas e tornava-se possível a troca de notícias entre os já migrados e os que ainda nelas permaneciam. Alguns missionários perceberam a facilidade com que os cherokees aprendiam o sistema e como ele resolvia melhor as dificuldades que encontravam para adaptar o alfabeto usado para escrever inglês à língua cherokee. Por isso encomendaram em Boston a confecção de tipos com os caracteres de Sequóia e ajudaram os cherokees a montar uma tipografia em Nova Echota, no estado da Georgia. E foi então que começou a ser publicado o jornal *Cherokee Phoenix*, em 1828. Publicado em duas línguas, inglês e cherokee, nesta usando os caracteres de Sequóia, o jornal começou a divulgar entre outras matérias as leis cherokees ratificadas desde 1808. Em 1829 o jornal mudou seu título para *Cherokee Phoenix and Indians' Advocate*. Mas a pressão dos brancos pela transferência dos cherokees era tão grande que em 1832 as autoridades da Georgia lhes confiscaram a tipografia, que não mais lhes foi devolvida, sendo usada inclusive para divulgar comunicações caluniosas contra os líderes cherokees. A coleção mais completa desse jornal está no Museu Britânico, em Londres. Já no Território Índio, em 1844, começou a sair o jornal *Cherokee Advocate*, que foi publicado até 1906, com uma interrupção, por falta de fundos, entre 1853 e 1870. Além de ter o reconhecimento dos cherokees pelo seu silabário, Sequóia foi um líder que contribuiu para o apaziguamento das disputas entre as facções de seu povo quando de sua instalação no Território Índio. Sequóia morreu em 1843, quando fazia uma viagem ao México (Texas?) à procura de cherokees que tinham migrado para lá. Além de tratar de Sequóia em *The Five Civilized Tribes* (1934, cap. 28, pp. 371-384), Grant Foreman tem um pequeno livro sobre ele (1938).

Novas formas de governo

Os cinco povos organizaram-se em formas de governo inspiradas na norte-americana. Os choctaw tinham uma constituição e leis impressas na sua língua e em inglês. Cada um de seus três distritos era representado por um chefe e dez conselheiros, eleitos por indivíduos do sexo masculino e com mais de 21 anos de idade. A reunião anual dos conselhos e chefes tinha início na primeira segunda-feira de outubro, durando de dez a vinte dias. As resoluções estavam sujeitas a veto dos chefes, a não ser que passassem com mais de dois terços dos votos. Apontavam-se juízes, júris e funcionários encarregados da aplicação da lei, além da polícia montada encarregada de apreender o uísque e destruí-lo. As penas aplicadas iam desde chibatadas até a de morte (pp. 32-34).

A princípio os norte-americanos desejavam fundir os chickasaw aos choctaw, dada a semelhanças entre as suas línguas e um certo número de uniões maritais entre eles; além disso, os chickasaw se estabeleceram inicialmente na mesma área dos choctaw, em vez de ir mais para oeste, devido às incursões dos índios das Planícies. Assim, os chickasaw constituíram mais um distrito no sistema de governo dos choctaw, representado por um chefe e dez conselheiros, fazendo sua primeira eleição em 1841. No ano seguinte, foi adotada uma nova constituição que, entre outros dispositivos, definia as fronteiras entre os quatro distritos, o chickasaw inclusive (pp. 51-52). Em 1855, por um tratado com os norte-americanos, os chickasaw e choctaw passariam a ter governos independentes um do outro. Esse tratado mantinha uma disposição de um tratado do ano anterior em que ambos os povos indígenas arrendavam aos Estados Unidos suas terras que se estendiam para oeste além do meridiano 98° W, para estabelecimento de outras tribos ou bandos, mas retendo o direito de criar também aí estabelecimentos próprios. Pelo arrendamento, os choctaw receberam 600 mil dólares e os chickasaw, 200 mil (pp. 130-131). Com isso, tanto os choctaw como os chickasaw tiveram de providenciar novas constituições. Nos dois casos o processo decorreu com muitas desavenças internas. Uma das inovações dessas constituições era a criação do cargo de governador (pp. 89-92 e 131-132).

Os creek parecem ter sido mais refratários à adoção de um sistema de governo mais próximo àquilo que os norte-americanos tomavam como democracia. Dividiam-se em duas partes, Upper Towns e Lower Towns, que tinham se aproximado uma da outra havia um século, às margens do rio Chattahoochee (na fronteira entre Georgia, Alabama e Florida), descobrindo sua afinidade linguística. Tinham entre eles remanescentes de povos subjugados: hitchatees, uchees, alabamas, cawawasawdas e natchez, que ainda retinham suas línguas originais. Cada parte tinha seu chefe, sendo que o de Lower Towns também o era de toda a nação e de seu conselho. Os chefes eram mais velhos e muito resistentes a mudanças, opondo-se a missões e instrução escolar. Impunham multas a quem não comparecesse a um rito indígena (Busk), às danças do milho verde, e não tomasse uma certa bebida (physic). A pregação religiosa cristã era punida com chibatadas. Apoiavam-se nos fazedores de leis e na cavalaria ligeira. Preenchiam cargos vagos sem eleição. Apoderavam-se da maior parte da anuidade paga pelo governo dos Estados Unidos e a distribuíam somente entre aqueles que lhes davam suporte. Os da parte Lower Towns, por interagir mais assiduamente com os brancos, afastavam-se mais dos costumes tribais, já não plantavam juntos, porém mais dispersos. Seus ornamentos, placas de prata, argolas de orelhas, contas e pinturas, estavam em desuso e agora só eram vistos nos jogos de bola. Mas os Upper Towns eram mais industriais no fiar e no tecer, sendo raros entre eles os casos de extrema pobreza. Seus chefes eram mais generosos (pp. 183-186). Entre chefes, fazedores de leis e integrantes da cavalaria ligeira se contavam 400 indivíduos (p. 193). Como os chefes fixavam seus próprios salários, segundo sua hierarquia, a maior parte do auxílio enviado pelo governo dos Estados Unidos caía em suas mãos, o que estimulou o crescimento do número de chefes, que por volta de 1849 chegava a 800 (p. 206). Em 1859 houve eleições entre os creek, pela primeira vez conduzidas de modo mais democrático, para primeiro e segundo chefe da cada uma das partes da nação: Lower Creek (Distrito do Arkansas) e Upper Creek (Distrito do Canadian) (p. 216).

Durante muito tempo os seminóis se viram atribulados pela insistência do governo norte-americano em fundi-los aos creek. Foi somente por um tratado em 1855 que os Estados Unidos desistiram dessa intenção. Aos seminóis couberam as terras entre o rio Canadian e o North Canadian até o meridiano 100° W (p. 270). Grant Foreman não oferece detalhes de como os seminóis organizaram seu sistema de governo.

Os cherokees adotaram uma constituição em 1839, que estabelecia que o chefe e a maioria dos funcionários manteriam seus cargos por quatro anos. Mas os cherokees enfrentaram por muito tempo uma disputa interna entre os primeiros a migrarem para o Território Índio e os posteriores. Essa disputa era acirrada por um general norte-americano que apoiava um dos lados. Por isso a eleição de 1843 foi a primeira a transcorrer conforme as regras (p. 326).

Vale reparar que uma preocupação constante dos governos das cinco tribos foi o combate ao comércio e ao uso de bebidas alcoólicas.

Os escravos negros

As cinco tribos civilizadas tinham escravos negros e os levaram para o Território Índio. No livro de Foreman há várias referências a escravos ou a questões relacionadas à escravidão. Em 1853 estipulou-se que nenhum escravo ou filho de escravo aprenderia a ler e escrever em qualquer escola choctaw. E exigia-se que as autoridades escolares removesses quaisquer pessoas que defendessem o abolicionismo (p. 83). Ainda entre os choctaw, um missionário declarava ter sido acusado de abolicionista e de emissário de organizações que defendiam essa causa (p. 93).

Dos chickasaw que chegavam ao Território Índio, muitos eram prósperos e possuíam grande número de escravos (p. 100). Um deles, no primeiro ano após a chegada, preparou-se para plantar de 300 a 500 acres (de 120 a 200 hectares) de algodão com o trabalho de seus 150 escravos (p. 101). Em 1843 certos chickasaw tinham por volta de 500 acres (200 hectares) com milho, algodão, trigo, aveia, centeio, cultivados por um grande número de escravos. Vários chickasaw tinham máquina de fiar e faziam tecido para vestir seus negros. Aborreciam-se com os índios que estavam entre os rios Washita e o Red, que davam abrigo a seus escravos fugidos para vendê-los aos comanches; os shawnees e delawares traziam então os negros de volta aos chickasaw, compelindo-os a pagar grandes somas por eles (p. 106).

Também os creek tinham levado para o Território Índio considerável número de escravos que os ajudavam nos campos de milho. Tentaram mesmo matar um missionário que pregava a abolição (p. 169). Um relato de dois missionários conta que entre os creek havia escravos sóbrios e religiosos. Alguns deles eram pregadores reconhecidos e mantinham reuniões regulares. Eles viram uma dessas reuniões, a que compareceram tanto índios quanto escravos, e alguns se comoviam até as lágrimas. Um dos proprietários de escravos lhes contou que levava seus escravos a essas reuniões, para torná-los homens e mulheres melhores. Nessa ocasião tinha havido uma fuga de 200 escravos pertencentes aos creek e aos cherokees, que organizaram uma expedição para buscá-los (p. 171). A aquisição de escravos pelos creek de maior posição hierárquica, antes de sua transferência para o Território Índio, teria acentuado a distância para com os demais em riqueza, educação, vestuário, maneiras e informação, tornando-os sagazes e auto-confiantes a ponto de impressionar os funcionários de Washington, quando aí compareciam para tratar de seus interesses. Em contraste com eles, os demais passaram a ser conhecidos como “índios comuns” (pp. 207-208). A partir de determinado momento, por causas não explicitadas, um certo número de negros se tornou livre. As leis creek dispuseram que os negros libertos de idade superior a doze anos deveriam pagar uma taxa anual de três dólares e também uma taxa sobre seus rebanhos e carroções, designando-se funcionários para coletá-las. Tornavam ilegal o casamento de homem indígena com mulher negra. E uma multa de 50 dólares ou de 100 chibatadas punia aqueles que dessem abrigo a escravos fugidos (p. 213). Parece que as vésperas e o início da Guerra de Secessão tornaram mais

diffícil a situação dos negros entre os creek, pois em 1859 foi decidido que as pessoas nascidas livres, com exceção das de origem negra, seriam recebidas e reconhecidas como cidadãos da nação creek. Os filhos de uma mulher creek com um homem negro seriam considerados cidadãos creek somente se este descendesse de negros apenas por um dos pais. Nenhum escravo podia circular sem passe escrito além de duas milhas da propriedade de seu senhor, e de modo nenhum à noite. Após 1861, não era permitido a um escravo portar armas ou fazer comércio com seus próprios bens. Nenhum negro podia pregar numa congregação indígena. Os negros podiam ter culto religioso até duas milhas da propriedade de seu senhor somente se houvesse um não-negro para vigiá-los. A partir de 1º de março de 1861 impôs-se a todos os negros livres um prazo de dez dias para escolherem um senhor entre os creek ou serem vendidos ao arrematador creek (p. 215-216).

Uma leva de 1.500 seminóis chegados ao Forte Gibson, apesar do estado precário em que se encontravam, negavam-se a se fixarem entre os creek, com receio de cair sob seu controle e para eles perderem seus escravos e os negros livres que os acompanhavam (p. 226). Os seminóis que se estabeleceram no Canadian Fork (confluência do Canadian com o North Canadian?) cultivavam milho e arroz. Tinham mil negros com eles, na maioria escravos, que pagavam um pequeno tributo a seu senhor, dois ou três alqueires (72 ou 109 litros) de milho ou, quando tinham criação, uma rês ou duas (p. 231). O grande problema da acomodação dos seminóis no Território Índio, além da resistência a sua fusão com os creek, como o governo norte-americano queria, era o destino dos seus escravos. Quando ainda estavam na Florida e resistiam às tropas norte-americanas, um comandante destas, para enfraquecê-los, tinha prometido aos negros que viviam entre eles que, se eles se rendessem, seriam emancipados, viveriam no oeste numa aldeia sua, sob a proteção dos Estados Unidos e nunca seriam separados ou vendidos. Porém, um outro comandante prometeu aos seminóis que, se eles se rendessem e concordassem em emigrar para o Território Índio, teriam assegurados todos os seus bens, inclusive seus escravos. Por sua vez, aos creek que ajudavam às tropas norte-americanas na Florida contra os seminóis, tinha sido prometido como botim todos os escravos dos seminóis que pudessem capturar (p. 255-256). Mesmo que lhes fosse assegurado ficar finalmente com seus negros, se os seminóis ficassem no Território Índio sob a hegemonia dos creek, teriam de obedecer aos dispositivos legais estabelecidos por estes: os negros livres não podiam ficar no Território, e os escravos não podiam morar em aldeias próprias, como os seminóis permitiam (p. 263). Os negros eram envolvidos nas disputas entre creek e seminóis e corriam o perigo de serem capturados pelos comanches, que, se não os massacravam, só os devolviam sob pagamento de resgate (pp. 264-265).

Os cherokees, quando ainda em sua região de origem, faziam incursões nos estados das Carolinas e traziam escravos para trabalho em suas terras, dispondo de 610 homens e 667 mulheres (p. 356). Uma nota no *Cherokee Advocate* oferecia 50 dólares pela captura e devolução de um escravo, que fazia o serviço de cocheiro e mordomo (p. 382).

População

Certamente Foreman tinha dados para elaborar um quadro da população dos cinco povos transferidos, mas seu modo disperso de escrever não nos permite fazer uma idéia.

Dos choctaw se sabe que cerca de 7.000 permaneceram nas terras de origem, sendo depois forçados a migrar para o Território Índio pelos brancos de Alabama e Mississipi a partir de 1844.

Os chickasaw eram 4.111 no Território Índio em 1844 (p. 107). Em 1851, 3.134 tinham se instalado no seu setor (p. 125), separado do choctaw.

Nos 12 meses seguintes a sua chegada ao Território Índio, em 1836, mais de 3.500 creek morreram, o que correspondia a mais de um quarto de sua população (p. 178). O número dos arrolados para migrar pelo tratado de 1832 era de cerca de 22.000. Contando com mais 3.000 que permaneceram nas terras de origem, eram 25.000 antes da migração. O censo de 1857 no Território Índio mostrou um total de 14.888 (p. 211).

Segundo um relatório de 1857, a população seminole no Território Índio era de 1.907 indivíduos, dos quais 1.000 do sexo feminino. Mas ainda se esperava a migração de outros da Florida (p. 272). Um dado que talvez incluía novos imigrantes indica 2.254 indivíduos, dos quais 1.009 do sexo feminino. Nos trinta anos de guerra de extermínio movida contra eles, na Florida, os seminoles foram reduzidos a 40% de sua população, dada a necessidade de viverem em constante fuga pelos alagados (p. 276).

Os cherokees chegados ao Território Índio em 1839 eram mais de 13.000 e correspondiam a mais que o dobro do restante de seu povo (p. 291). Em 1809, nas terras de origem, a população cherokee era de 12.395, metade dos quais mestiços; tinham 583 escravos negros e viviam com eles 341 brancos. Por volta de 1825, sua população total era de 15.160, inclusive 1.377 escravos negros (pp. 355-356).

Outros povos indígenas

No livro de Foreman há várias referências a outros povos indígenas que não as cinco tribos civilizadas. Como não são tema do livro, ele não explica a razão de sua presença aí. Mas certamente no período coberto pelo livro ainda não lhes tinham sido concedidas terras no Território Índio.

Em 1847 os choctaw, chickasaw e creek se queixavam de roubos feitos pelos kickapoos sobre seus cavalos e bovinos (p. 75).

Em 1851 um certo número de catawbas deixaram a Carolina do Sul, seis morreram na viagem e 19 chegaram ao Território Índio. Foreman dá o nome de 15 que foram aceitos como membros da tribo pelo conselho choctaw (p. 76). No ano anterior, a tribo chickasaw tinha se recusado receber os catawbas que o governo norte-americano queria transferir das Carolinas do Norte e do Sul para suas terras (p. 122).

Em 1857, devido às incursões dos índios das Planícies, a agência que assistia os chickasaw foi transferida para perto do Forte Arbuckle (p. 89). Anteriormente, outras providências tinham sido solicitadas para proteger os chickasaw de uma possível intromissão em suas terras de índios que viviam ao sul do rio Red, que para aí poderiam fugir da ação de uma expedição que no Texas se preparava contra eles (p. 100 e 104). Bandos de delawares, kickapoos, cherokees, caddos, yuchis e koasatis, a pretexto de estarem caçando, roubavam gado dos chickasaw e o trocavam com os comanches por cavalos, que estes tinham roubado dos brancos do Texas. Em 1841, tropas do Forte Gibson foram expulsar esses índios das terras chickasaw, mas alguns retornaram para roubar cavalos e negros. Nessa movimentação, texanos fizeram depredações nos estabelecimentos chickasaw ao norte do rio Red. Tal situação apressou a criação do Forte Washita para proteção dos chickasaw (pp. 104-105). Os kichai queriam morar em terras chickasaw. Disputas entre wichitas, que viviam a oeste dos chickasaw, e os caddos, por causa de cavalos, acabaram por envolver um delaware, biloxis, creek, perturbando a vida dos chickasaw (pp. 119-120). Em 1849 o conselho chickasaw fazia um memorial ao

Presidente dos Estados Unidos, lembrando-lhes a proteção que lhes devia por força dos tratados e pedindo que não diminuísse a força do Forte Washita. Antes, pelo contrário, sugeriam a instalação de uma tropa montada ou de dragões, que os assistiria, melhor do que a infantaria, contra a presença de tonqueways, caddos, keechis, kickapoos, quappaw, boluxies, cherokees, shawnees, ironeyes, wichitas, que lhes causavam depredações, roubos e outros ultrajes. Excetuavam desse pedido de expulsão algumas famílias de alguns desses povos que tinham sido aceitas pelos choctaw (p. 122-123). Porém o problema continuava, pois um funcionário indigenista pedia mais algum tempo até que o governo norte-americano concedesse, nas terras arrendadas a oeste, reservas para as centenas de wichitas, wacos, tawakonis, caddos, anadarkos, kickapoos, shawnees, delawares, hainais e outros índios que o conselho chickasaw tinha expulsado em 1857 (p. 143). Em 1859, mil wacos, tawakonis, tonkawas, caddos e 3.000 comanches foram transferidos do Texas para a parte arrendada do Território Índio, fixando-se ao sul do rio Washita. Um dos funcionários encarregados dessa tarefa foi assassinado por um branco, que tinha queixas contra atrocidades indígenas (pp. 143-144).

Os creek sofriam incursões dos osages, que viviam na miséria e fome. Não tinham adotado a agricultura. Era em suas terras que o governo norte-americano tinha estabelecido o Território Índio, sem entretanto reservar uma parte para eles. A parca anuidade que recebiam do governo ia cessar. Tinham de lutar contra os índios da Planícies, pawnees e kiowas. Em 1839, por um tratado, aceitaram ser removidos para o Kansas e o governo destinava 30 mil dólares para indenizar índios e brancos por suas depredações (pp. 164-166). Houve um cherokee que ficou famoso nas lutas contra os osages, mas posteriormente viveu entre eles e se casou com uma mulher desse povo. Por algum motivo, essa mulher foi executada por seu próprio povo, o que fez seu marido tornar a combater com ódio implacável os osages (pp. 398-399).

Também os pawnees do rio Platte (afluente da margem ocidental do Missouri) faziam incursões sobre as terras dos creek para roubar cavalos. Eram rechaçados não só pelos creek como também pelos kickapoos e quappaws. Curiosamente, os índios que criavam problemas para os chickasaw — shawnees, kickapoos, delawares, miamis, quapaw, caddos — aqui são tratados como uma possível defesa contra as incursões do oeste e do sul, como os comanches. Havia um esforço dos creek em estabelecer um ambiente de paz com os índios das Planícies, e para tanto procuravam meios para vir a realizar uma conferência com eles (pp. 187-188).

Há referência a uma tentativa de um chefe seminole de estabelecer uma relação comercial com os comanches, oferecendo-lhes mercadorias para eles venderem aos índios das Planícies, e recebendo em troca peles e mulas. Mas o negócio não foi adiante (pp. 244-245). Cerca de 500 índios kickapoos emigraram do rio Missouri para o rio Canadian e ficaram nas terras dos índios creek, sendo depois removidos para o lugar onde mais tarde foi construído o Forte Arbuckle. Aí ficaram até 1850/51, quando saíram para juntar-se à colônia do mesmo chefe seminole, Wild Cat, no rio Grande (p. 265-266).

Em 1838, os cherokees promoveram uma reunião, convidando para a mesma representantes creek, seminole, senecas, delawares, shawnees, quapaw e sauk, com o propósito de renovar a amizade que existia entre seus antepassados. Alguns militares da região interpretaram a iniciativa como ameaça de uma grande rebelião contra os brancos, o que gerou apreensivos boatos. Entretanto, observadores constataram que se tratava de um interpretação fantasiosa (pp. 289-290).

Instalação desses outros povos no Território Índio

Muriel Wright (1986 [1951]) elaborou um interessante livro sobre as 67 etnias indígenas presentes no estado de Oklahoma, distribuídas em verbetes dispostos em ordem alfabética. Neta de Allen Wright, chefe choctaw que criou o nome do estado (*okla* = povo, *homma* = vermelho), a autora informa sobre a origem de cada povo, sua história, suas sucessivas transferências até o estabelecimento no Território Índio, e, dentro dele, os vários reajustes sofridos por suas terras quanto à localização, superfície e regime até o final do século XIX.

A leitura dos verbetes permite ao leitor perceber que os nativos levados a se mudar para o Território Índio são oriundos de três regiões: os do Sudeste, sobre os quais já nos demoramos, os dos Grandes Lagos (com alguns do litoral Leste), e os das próprias Planícies, onde está Oklahoma.

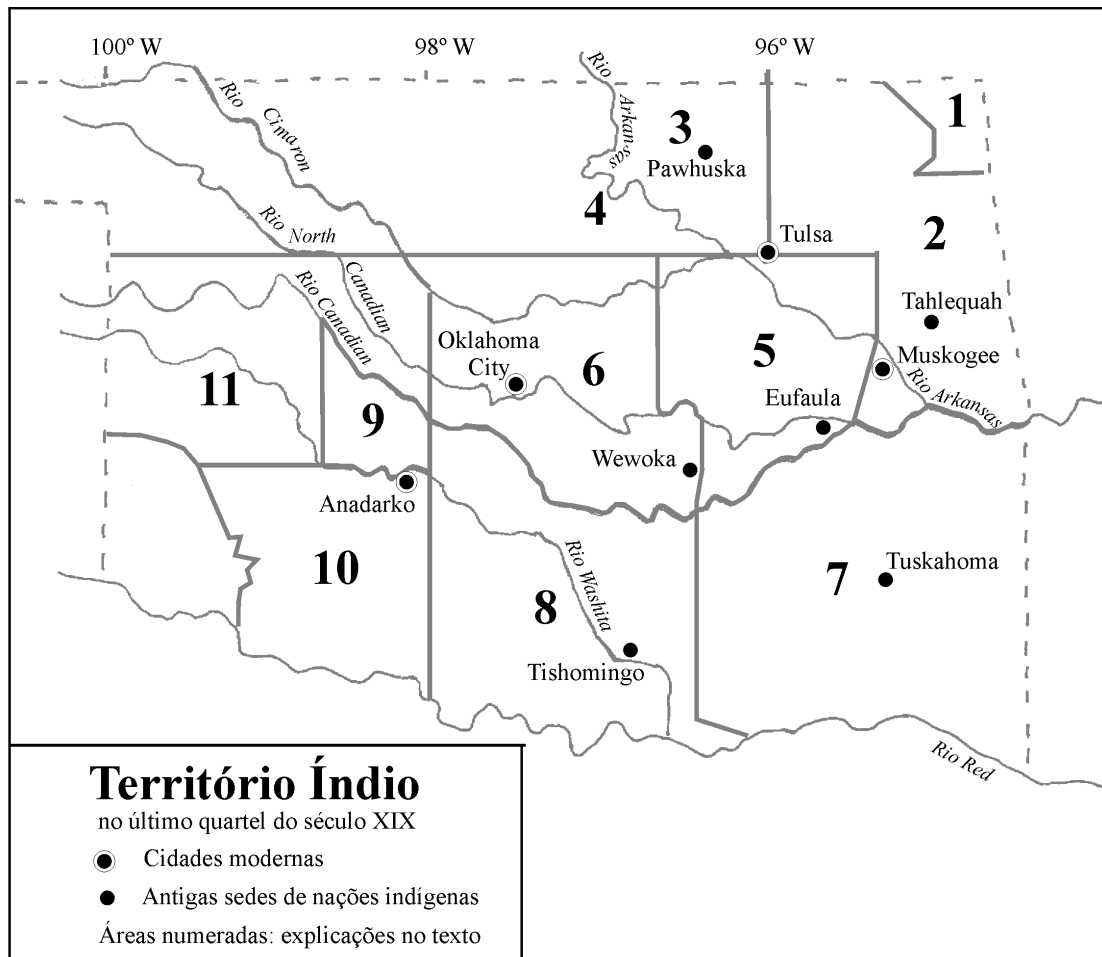
Os dos Grandes Lagos não se deslocam diretamente para o Território Índio, mas vão sendo transferidos, desde o período colonial, atravessando o rio Mississippi, desde Ohio, Indiana, Illinois, Wisconsin, para Iowa, Nebraska, Kansas, e deles sendo forçados a sair, à medida que esses estados ou futuros estados vão sendo ocupados por colonos. O Kansas é quase sempre a última tentativa de estabelecimento, também gorado, antes de passarem ao Território Índio. Esse deslocamento a partir dos Grandes Lagos teve, entre outras causas, a perda pelos franceses de suas possessões na América do Norte, ao fim da Guerra dos Sete Anos, em 1763, seguida do grande levante contra os ingleses levada a efeito por uma coligação de povos indígenas liderada pelo chefe ottawa Pontiac, sem resultados favoráveis.

Quanto aos índios das Planícies, estabeleceram-se no Território Índios aqueles que viviam ao sul ou imediatamente a oeste, sem dizer daqueles que já o habitavam ou frequentavam. O Texas, logo após se anexar aos Estados Unidos, desenvolveu uma intensa campanha de expulsão dos índios que o habitavam, o que os fez procurarem o Território Índio.

Inicialmente o Território Índio foi destinado a uns poucos povos, que se distribuíram como que em faixas. Os cherokee ficaram com o norte, ocupando o nordeste, mas com direito de expansão por um quadrilátero que se estendia a partir do meridiano 90° W até a fronteira ocidental dos Estados Unidos (que não era a atual). No vértice do ângulo sudeste desse imenso quadrilátero, conhecido como Cherokee Outlet, está hoje a moderna cidade de Tulsa. Uma pequenina área no ângulo nordeste da faixa destinada aos cherokee já era ocupada por índios que para aí se transferiram na mesma época ou um pouco antes: quapaw e senecas. A faixa central foi entregue aos creek e seminoles, que o governo norte-americano queria fundir numa única nação, mas sem sucesso. Na faixa meridional foram instalados os choctaw e os chickasaw, aos quais também se queria impor uma fusão, a que igualmente resistiram.

Todas essas transferências e limites entre os setores de cada etnia foram estabelecidos por tratados com o governo federal norte-americano. Mas à medida que a contínua procura de terras pelos brancos exercia novas pressões sobre as terras indígenas, tanto as originais como as reservas, novos tratados eram assinados, de modo a modificar limites e permitir a índios de outras etnias comprarem dos já estabelecidos direito de ocupar parte de suas terras, pagando-lhes com as indenizações recebidas do governo para deixarem terras ou reservas anteriores.

O mapa a seguir mostra os setores em que estavam distribuídas reservas indígenas, já no final do século XIX, quando medidas já estavam vigorando para extingui-las, dividindo-as em lotes individuais, liberando o restante para venda a quem quer que quisesse e pudesse adquirir, ocasionando verdadeiras corridas de compradores a cada data de liberação. No mapa esses setores estão numerados e indico a seguir as etnias ou agregados de etnias indígenas que neles tinham reservas.



1 – No extremo nordeste: quapaw, peoria (inclusive kaskakia, michigamea, moingwena, cahokia, tamaroa, que junto com os peoria formaram no passado a confederação illinois; piankashaw, wea, Miami, Eel river), ottawa (inclusive chippewa ou ogibwa), shawnee orientais (inclusive tuscarora), wyandot (hurões), seneca (inclusive mohawk, cayuga, conestoga, erie), modoc. A maioria dessas etnias era oriunda da região entre os Grandes Lagos e o rio Ohio. Os quapaw eram do rio Arkansas. Os tuscaroras e shawnee eram da costa atlântica. De origem destoante dos demais eram os modoc, trazidos prisioneiros depois da Guerra Modoc (1872-73) do rio Klamath, abordada no Capítulo 40.

2 – No nordeste: **nação cherokee**, munsee (inclusive chippewa ou ogibwa), stockbridge, shawnee, delaware. Os cherokee, como já foi explanado, tinham origem no Sudeste, os demais nos Grandes Lagos, com exceção dos shawnee e delaware, da costa atlântica.

3 – No Cherokee Outlet, a leste do rio Arkansas: **nação osage**, kaw (kansa). Eram das Planícies, a nordeste do Território Índio, chegando os osages até a frequentar e ocupar o mesmo.

4 – No Cherokee Outlet, entre o rio Arkansas e pouco além do meridiano 97° W: nez percé, tonkawa, lipan, ponca, oto e missouri, pawnee (inclusive skidi). Todos são oriundos das próprias Planícies ao redor de Oklahoma, com exceção dos nez percé, do Platô.

5 – Entre a atual Tulsa e o rio Canadian: **nação creek**, natchez, yuchi, tuskegee, apalachicola, catawba, alabama (inclusive koasati), hitchiti. Todos oriundos do Sudeste.

6 – Entre o Cherokee Outlet e o rio Canadian, no centro do atual estado de Oklahoma, mas não a oeste do meridiano da capital: **nação seminole**, potawatomi (inclusive chippewa), absentee shawnee, kickapoo, sauk e fox, iowa. A maioria era oriunda dos Grandes Lagos. Os seminoles, como já sabemos, eram do Sudeste. Os absentee shawnee era um ramo dos shawnee que tinha se espalhado na direção sul até o Texas.

7 – No sudeste, entre os rios Canadian e Red: **nação choctaw**, catawba. Oriundos do Sudeste.

8 – No centro-sul, entre os rios Canadian e Red: **nação chichasaw**. Oriundos do Sudeste, como sabemos.

9 – Entre 98° W e aproximadamente 98° 40' W e entre os rios Canadian e Washita: wichita, tawakoni, waco, caddo, anadarko. Eram oriundos das Planícies meridionais, vizinhos e alguns até ocupantes de Oklahoma.

10 – Entre o meridiano 98° W e um formador (fork) do rio Red e entre o mesmo rio e um paralelo ligeiramente ao norte da atual cidade de Anadarko: kiowa, apache (inclusive kiowa-apache), comanche. Oriundos das Planícies meridionais.

11 – No centro, a oeste do meridiano 98° W, ao sul do Cherokee Outlet e ao norte do citado paralelo próximo de Anadarko, excluído o setor 10: cheyenne, arapaho. Oriundos das Planícies do norte.

Dança dos Espíritos

No seu clássico estudo sobre a Dança dos Espíritos, James Mooney (1965) relata sua introdução e expansão em Oklahoma. Não faz nenhuma referência às chamadas cinco tribos civilizadas, instaladas na parte leste do Território Índio, um silêncio do qual se pode deduzir que esse movimento religioso não as afetou. Mas focaliza as colocadas na parte oeste, dando atenção mais demorada aos kiowas (p. xiii), sobre os quais diz ter conhecimento mais íntimo do que sobre todas as outras tribos, aos arapahos, os mais entusiasmados por essa religião, e aos cheyennes.

A Dança foi introduzida em Oklahoma por um arapaho, chamado Touro Sentado (não confundir com o xamã e líder dakota de mesmo nome), vindo de uma reserva mais ao norte, em Wyoming, habitada por arapahos e shoshonis, local por onde ela tinha penetrado nas Planícies, vinda da Grande Bacia. Ele só falava a própria língua indígena e comunicava-se com as outras tribos pelo sistema de sinais das Planícies. Na verdade ele foi precedido por notícias em cartas escritas por indígenas instruídos em escolas do leste dos Estados Unidos. Além disso, arapahos e cheyennes de Oklahoma enviaram uma delegação ao profeta Wovoka, de Nevada, para saber mais sobre a doutrina. Mooney

retrata outros líderes que dirigiram a Dança em Oklahoma, como o arapaho Coiote Preto ou o kiowa Pobre Búfalo. Demora-se ainda em profetas kiowas que precederam a chegada da Dança, ou conviveram com ela, desenvolvendo crenças voltadas ao retorno dos búfalos. Finalmente, refere-se ao kiowa que viajou até Wovoka para saber mais a respeito de seu culto e profecias e de lá retornou decepcionado, recomendando a seus companheiros não mais praticarem a Dança. Seu relato foi como que uma ducha de água fria sobre os adeptos kiowas, que abandonaram o culto por algum tempo, mas depois a ele retornaram. Outras tribos aderiram à Dança, como os caddos, wichitas, apaches, poncas, otos, missouris, kansas, iowas, mas sobretudo os pawnees. Os osages, por serem então os mais ricos da região, lhe deram pouca importância. Os comanches também se mostraram céticos, por terem o rito do mescal (peiete?). Os pouco numerosos sauk, fox, kickapoo e potawatomi deram-lhe pouca atenção, os últimos por causa da influência católica e também por terem seu próprio profeta, Kānakūk (pp. 148-175).

Mooney dedica o capítulo VII à descrição da cerimônia. A não ser as primeiras páginas, em que focaliza os sioux (dakotas), nas restantes parece apoiar-se no que viu em diferentes áreas. Mas, no que tange ao transe, que ele interpreta como um procedimento hipnótico dos xamãs, parece que ele reproduz o que presenciou em Oklahoma, pois foi aí que participou da dança arapaho. Ao perceber que um participante da roda de dança, homem ou mulher, está propenso a modificar seu comportamento, o xamã dele se aproxima e o hipnotiza com auxílio do movimento de plumas. O indivíduo assim tratado se afasta e, depois de alguns movimentos característicos, cai inerte, e aí é deixado. Ao voltar a si, diz ter visto os mortos ou traz um novo cântico para a cerimônia. As fotos (quicá retocadas) e desenhos da roda dos dançantes e das várias fases do transe individual, no livro de Mooney, são notáveis, mas infelizmente suas legendas não indicam os locais onde as cenas retratadas ocorreram. Era importante, para a instalação do culto em uma nova tribo, que o mensageiro da boa nova conferisse penas, de corvo ou de águia, a sete homens, ou então sete homens e sete mulheres, que seriam os diretores da dança. Não eram eles, entretanto, que hipnotizavam aqueles que no decorrer da mesma mostravam sinais de estarem a ponto de entrarem em transe (pp. 182-200).

No capítulo referente aos cânticos, Mooney colheu a letra e a tradução de 73 cânticos arapahos (pp. 206-263), 19 cheyennes (pp. 268-279), 4 comanches (pp. 283-284), 15 kiowas (pp. 313-320), 15 caddos (pp. 325-331). Para uns 15 deles fez a notação musical.

De Território Índio a Estado de Oklahoma

Os Estados Unidos mudaram muito ao longo do século XIX com a imigração europeia, a expansão territorial e a extinção do regime escravocrata. Ao ser criado, o Território Índio estava na fronteira, mas antes de 1850 essa posição se modificou com a anexação do Texas logo seguida da guerra com o México, que perdeu para os Estados Unidos extensa superfície, até a margem do Pacífico, que incluía os atuais estados de Novo México, Arizona, Colorado, Utah, Nevada, Califórnia. Os povos indígenas do Sudeste forçados a migrar para o Território Índio receberam-no quase todo mediante tratados e aí se estabeleceram como nações com certa autonomia que podiam se organizar em regimes semelhantes àquele adotado pelos Estados Unidos. Porém, a pressão pelas terras indígenas, mesmo aquelas a oeste do Mississipi, forçou outros povos indígenas a migrarem para o Território Índio, mediante tratados com os Estados Unidos e negociações com os já aí estabelecidos. Com isso, as terras das “cinco tribos civilizadas” foram se reduzindo. A seguir veio a Guerra da Secessão e boa parte dos povos do Território Índio

se aliaram aos confederados; os que se mantiveram fiéis à federação tiveram que procurar asilo no Kansas, ao norte. Além das perdas de vidas e de bens, que a todos afetou, as “cinco tribos civilizadas” viram também seus escravos ganharem a liberdade. Outras medidas legais vieram a modificar a situação dos povos do Território Índio, tal como os demais indígenas dos Estados Unidos. Uma delas foi o Appropriation Act, de 1871, que abolia a maneira de negociar com os índios por meio de tratados, deixando-os sujeitos simplesmente às decisões do Congresso. E, em 1887, o Daves Act autorizou o presidente dos Estados Unidos a dividir as terras tribais em lotes, entregando-os a seus moradores indígenas, com certa medida, conforme fossem chefes de família, solteiros ou menores, e vender o restante a quem quisesse adquirir. Tudo isso foi conduzindo à extinção do Território Índio, que começou pela transformação de sua metade ocidental no Território de Oklahoma. Datas para a desativação dos governos indígenas foram marcadas e finalmente em 1907 os dois territórios deram lugar ao Estado de Oklahoma.

Somente as “cinco tribos civilizadas” e os osage recebem o título de nação em um dos mapas de Muriel Wright (1986 [1951], p. 24), possivelmente por terem cada qual se organizado segundo os moldes de um estado, ainda que não soberano. Sua organização lhes permitiu terem escolas próprias para seus jovens e desenvolver uma elite capaz de exercer funções de governo segundo os padrões ocidentais, agir como empresários e exercer profissões liberais. Talvez isso lhes tenha possibilitado se dispersarem pelo estado de Oklahoma e fora dele, e viver entre os não índios com desenvoltura. Como os lotes distribuídos individualmente aos índios estavam em suas próprias antigas reservas, aqueles que se dedicaram às atividades rurais puderam manter uma vida comunitária e uma parte de suas antigas tradições. Os osages, que conseguiram, no acordo com o governo norte-americano referente à extinção de sua organização política autônoma, assegurar direitos sobre o subsolo, viram-se agraciados com a descoberta de petróleo em seus lotes, o que veio a torná-los os índios mais ricos de Oklahoma na primeira metade do século XX. O Reorganization Act de 1934 concorreu para a manutenção de um núcleo mais coeso em cada etnia ou agregado de etnias em Oklahoma, pois proibia novos loteamentos de terras tribais, permitia a recuperação das que não tinham sido adquiridas por terceiros, autorizava uma verba anual para a compra de terras e um fundo de crédito rotativo para o desenvolvimento econômico, permitia às tribos operarem sob governo interno de sua própria escolha, formalizado por documentos escritos ou segundo o uso consuetudinário, e ainda estabelecer corporações para a administração de seus recursos. Consequentemente várias etnias ou grupos de etnias se incorporaram para cuidar de seus interesses conforme o Oklahoma Indian Welfare Act de 1936, que seria uma derivação do Reorganization Act. Suponho serem os lotes rurais e essas corporações que tornam os índios visíveis ao observador externo, pois não há reservas na área do antigo Território Índio. O governo mantém duas agências para tratar de assuntos indígenas, uma no leste, em Muskogee, e outra no oeste, em Anadarko. Os osages mantêm uma agência própria. Em Anadarko se faz um festival anual de arte, música e outras manifestações culturais indígenas.

Índios atuais do centro-oeste de Oklahoma

Um artigo de Carol Rachlin (1970) faz um retrato da situação dos índios no centro e no oeste do atual estado de Oklahoma nos anos 1960. Diz ela que seu artigo se refere a indivíduos com um quarto ou mais de sangue indígena e que pertencem às seguintes tribos: arapaho, caddo, cheyenne, comanche, delaware, iowa, kaw, kiowa, kiowa-apache, omaha, osage, oto, quapaw, pawnee, ponca, potawatomi, sac-fox, shawnee e wichita. E

acrescenta que tratará dos seguintes problemas: organização geral da sociedade indígena na referida área, relações entre indivíduos rurais e urbanos, posição dos jovens e o controle mútuo que faz da vida indígena um continuum cultural (p. 161). Oklahoma City tinha então de 12.000 a 16.000 moradores indígenas e, o estado inteiro, 64.000. Refere-se também à ausência de reservas legais (p. 161).

Na área rural, que então já gozava de eletricidade, telefone e boas estradas, os índios viviam em terras herdadas ou arrendadas. Não havia núcleos urbanos sem índios em Oklahoma, mas nem por isso havia neles bairros indígenas. Certas cidades, como Anadarko ou Pawnee, eram mais frequentadas por índios por seu comércio oferecer artigos procurados por eles. Na área rural havia mais velhos e crianças indígenas; os jovens e os de meia idade que aí permaneciam trabalhavam para o governo federal, tinham fazendas ou negócios privados. Nas cidades, os índios viviam entremeados à população não índia, ainda que menos presentes nas vizinhanças negras. Contavam-se entre eles veteranos da Segunda Grande Guerra ou da Guerra da Coreia, indivíduos sem terras na área rural ou herdeiros de diminutas parcelas, empregados urbanos, com seus cônjuges e filhos, sem dizer daqueles que aí estavam simplesmente por gostarem da vida em cidade. A despeito dos casamentos e atividades intertribais, não havia uma cultura pan-indígena. Por outro lado a identificação tribal despertava forte interesse, destacando-se personalidades étnicas bastante pronunciadas (pp. 162-163).

Além da identificação tribal, era importante a distinção entre índios cristãos e não-cristãos. A predominância de certas religiões no seio de determinadas etnias refletia a ação dos antigos missionários: metodistas e batistas entre os kiowa, kiowa-apes, comanches, sac-fox; católicos entre os osages, poncas, kaw; menonitas entre os arapaho e cheyennes. Havia grande rivalidade entre batistas e metodistas, que se consideravam mais liberais. Não cooperavam entre si e nem com outras religiões cristãs. Os não-cristãos praticavam antigas religiões nativas ou participavam da Native American Church, que não deixa de ser cristã, a não ser pelas objeções dos índios cristãos ao peiote. Os não-cristãos eram mais apegados às tradições tribais e geralmente da facção conservadora no seio de sua etnia. Apesar de industriais, eram prejudicados na procura de emprego pelo analfabetismo funcional. Ajudavam-se mutuamente e colaboravam nas atividades sociais da maioria das igrejas cristãs. Havia os dogmáticos nas suas crenças cristãs ou não-cristãs e havia os que, apesar de terem optado pelo cristianismo, ainda se sentiam apegados às crenças nativas (pp. 163-166).

Na época desse artigo, os índios de mais de 45 anos de idade haviam passado por escolas do governo (suponho serem aquelas destinadas especialmente a índios), com uma instrução que deixava a desejar. Os nascidos a partir mais ou menos de 1920 tinham estudado em escolas públicas, com formação melhor. As pessoas que ocupavam posições honoríficas da tradição tribal — chefes de bando, chefes de guerra, médicos-feiticeiros, sacerdotes, guardiães do tambor, compositores de cânticos — tinham aspirações maiores e alcançavam graus de instrução mais altos e treinamento para empregos; os de posição mediana nas hierarquias tribais alcançavam treinamento para empregos especializados. Os demais tinham nas escolas resultados mais modestos. Os maiores empregadores em Oklahoma eram os órgãos militares e civis do governo federal. Outros empregos eram da indústria de construção, motoristas de caminhão, impressores, trabalho em escritórios, cosmetologia, e um grande número de ocupações nas agências estaduais. Na seleção para emprego o preconceito contra índios ainda atuava bastante, mas não havia unanimidade entre os empregadores. Até mesmo boatos entre os próprios índios sobre a existência de

cartas marcadas no processo seletivo para algum emprego os prejudicava, desestimulando-os a concorrer (pp. 166-172).

A vida familiar continuava importante para os índios de Oklahoma. Embora a política tribal fosse publicamente dominada pelos jovens, ela continuava controlada pelos mais velhos no interior das famílias. Os diferentes grupos étnicos costumavam realizar um evento no verão, em que um rito ou um jogo da tradição nativa, de que a autora enumera alguns exemplos, era realizado com as adaptações impostas pela situação. A Native American Church, a que pertencia um terço da população indígena de Oklahoma, realizava os eventos de inverno, dos quais não estavam excluídos os adeptos de outras religiões. Nas tomadas de decisão ainda pairava o impasse entre a tradicional resolução por unanimidade e o voto da maioria; e a liderança por senioridade e experiência continuava como um valor (pp. 172-178).

Bibliografia

- BELL, Amelia Rector. 1990. "Separate people: Speaking of Creek Men and Women". *American Anthropologist* 92 (2): 332-345.
- FOREMAN, Grant. 1934. *The Five Civilized Tribes: Cherokee, Chickasaw, Choctaw, Seminole*. Norman: University of Oklahoma Press.
- FOREMAN, Grant. 1938. *Sequoya*. Norman: University of Oklahoma Press.
- MOONEY, James. 1965. *The Ghost-Dance Religion and the Sioux Outbreak of 1890*. Com cortes e uma Introdução de Anthony F.C. Wallace. Chicago e Londres: The University of Chicago Press. O trabalho original foi publicado como Parte 2 do Fourteenth Annual Report of the Bureau of Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution, 1892-93 (Washington: Government Printing Office, 1896).
- RACHLIN, Carol K. 1970. "Tight Shoe Night: Oklahoma Indians Today". Em *The American Indian Today* (org. por Stuart Levine & Nancy O. Lurie). Baltimore: Penguin Books. pp. 160-183.
- WRIGHT, Muriel H. 1986. *A Guide to the Indian Tribes of Oklahoma*. Norman: University of Oklahoma Press. Edição original: 1951.

Web-grafia

- Encyclopaedia of Oklahoma History & Culture*
<http://digital.library.okstate.edu/encyclopedia/index.html>
- Historical Maps of Oklahoma*
http://alabamamaps.ua.edu/historicalmaps/us_states/oklahoma/

População indígena de Oklahoma

Os dados abaixo foram tomados do *2013 American Indian Population and Labor Force Report* (U.S. Department of Interior – Indian Affairs, 2014), que se baseia nos dados do censo demográfico dos Estados Unidos de 2010 (<http://www.bia.gov/cs/groups/public/documents/text/idc1-024782.pdf>). A primeira tabela contém dados extraídos da Table 3 (p. 21) e a segunda, da Table 4 (pp. 24-29).

Na terceira coluna da primeira tabela indico os setores numerados do segundo mapa deste capítulo que correspondem aproximadamente às áreas e municípios explicitados na primeira coluna.

Como no estado de Oklahoma a população de tribos de reconhecimento federal é de 471.738 indivíduos (Table 1, p. 14), suponho haver alguma sobreposição dos números das tabelas abaixo, pois sua soma alcança uma cifra bem maior.

Tratando-se de uma fonte que considera apenas os grupos indígenas que têm reconhecimento federal, talvez isso seja a razão da grande discrepância entre seus números e os referentes aos 22 grupos tribais mais populosos dos Estados Unidos, extraídos de *The American Community — American Indians and*

Alaska Natives: 2004, American Community Survey Reports (U.S. Census Bureau, 2007), divulgado em <http://www.census.gov/prod/2007pubs/acs-07.pdf>, e que apresento no final do Capítulo 35. Esta outra fonte atribui 331.491 indivíduos aos cherokee (o maior grupo indígena dos Estados Unidos), 55.107 aos choctaw, 12.773 aos Chickasaw, 107.243 aos creek, 12.578 aos seminole. Se no caso dos cherokee esses números não são alcançados mesmo se somadas as cifras que lhes são atribuídas pela primeira fonte em Oklahoma e no Sudeste, no caso dos Chickasaw dá-se o contrário.

Estado de Oklahoma		
Áreas geográficas onde há tribos com reconhecimento federal, mas sem dados disponíveis de cada uma em particular	População	No 2º mapa deste capítulo
Municípios de Caddo, Comanche, Cotton, Kiowa, Tillman	21.439	Setores 9 e 10
Principal área estatística tribal da Nação Cherokee	125.440	Setor 2
Área estatística tribal Muscogee (Creek)	99.451	Setor 5
Municípios do norte e do centro	102.289	Setores 4 e 6
Municípios de Osage e Washington	17.672	Setor 3
Município de Ottawa	8.151	Setor 1

Estado de Oklahoma	
Tribos com reconhecimento federal, cada qual com dados disponíveis	População
Tribos Cheyenne e Arapaho	12.481
Nação Chickasaw	32.372
Nação Choctaw de Oklahoma	47.649
Tribo Kickapoo de Oklahoma	2.635
Nação Muscogee (Creek)	68.879
Tribo Ottawa de Oklahoma	543
Nação Sac & Fox	3.793
Nação Seminole de Oklahoma	4.794
Tribo de Índios Tonkawa de Oklahoma	497
Bando Unido Keetoowah de Índios Cherokee em Oklahoma	14.300

Oklahoma — Classificação linguística

O termo “isolada” significa que a língua é a única conhecida na família que a inclui.

Língua dos:	Família	Tronco	Língua dos:	Família	Tronco	
Delaware	Algonquina	Macro-Algonquínio	Osage	Sioux	Macro-Sioux	
Stockbridge			Kansa			
Munsee			Ponca			
Shawnee			Quapaw			
Ottawa			Iowa			
Potawatomi			Oto e Missouri			
Sac e Fox			Wyandot	Iroquesa		
Kickapoo			Seneca			
Chippewa			Mohawk			
Miami			Cayuga			
Eel River			Tuscarora			
Illinois			Erie			
Kaskakia			Conestoga			
Peoria			Cherokee	Caddo		
Michigamea			Caddo			
Moingwena			Pawnee			
Cahokia			Skidi			
Tamaroa			Anadarko			
Creek			Waco			
Seminole			Tawakoni			
Choctaw			Wichita	Isolada		
Chickasaw			Catawba			
Natchez			Yuchi	Isolada		
Tuskegee	Lipan		Atabasca	Na-Dene		
Apalachicola	Apache					
Alabama	Kiowa-Apache					
Koasati	Kiowa		Kiowa-Tano	Asteca-Tano		
Hitchiti	Comanche		Uto-Asteca			
Tonkawa	Isolada		Nez Percé	Sahaptin		Penuti
			Modoc	Isolada		

[Tabela inicial](#)

[Lista das áreas](#)